

RESENHA

PEPETELA, *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. Lisboa: Dom Quixote, 2008, 120 p.

Robson Dutra

(UERJ/ FAPERJ)

robson.dutra@oi.com.br

Diversos historiadores e teóricos da literatura apontam o começo do século XX como o do início de marcas profundas de transformação nas artes, assinalando, assim, o surgimento do Modernismo através de uma série de movimentos estéticos que se organizaram em torno de revistas e da produção de manifestos que apontavam para novos rumos.

Tal afirmativa já não é possível quando se fala da contemporaneidade ou da pós-modernidade, visto que os movimentos e os grupos referidos deixaram de existir e a produção literária se inscreve numa diversidade tal que é impossível fazermos uma escolha que possa representar as obras que foram produzidas quando se esgota o signo da modernidade. Jean-François Lyotard, embora não se atenha especificamente sobre o literário, assinala a era pós-moderna como sendo “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras da ciência, da literatura e das artes”. Desse modo, se a modernidade corresponde à era da industrialização e seus efeitos nas relações entre os homens, a pós-modernidade é aquela da pós-industrialização e da informatização da sociedade.

A modernidade teve como marco principal a crença no racionalismo e no desenvolvimento de uma série de idéias que ratificavam a emancipação do sujeito racional e do trabalho como fruto do desenvolvimento e do progresso. Essa é a razão por que em grande parte de seus textos urge a figura do herói que luta por princípios ético-políticos, pela paz universal, pela justiça, enfim, por um bem social ou individual em nome da “verdade”. A pós-modernidade, por sua vez, se caracteriza pelo estilhaçamento

da “verdade” que se sustenta no racional, dando origem à fragmentação, à heterogeneidade e à dispersão. A função narrativa de apresentar uma estória em que as personagens são heróis que têm de enfrentar grandes perigos e reviravoltas em função do de um objetivo perde sua razão, apontando, como afirma Lyotard, para “a decomposição dos grandes relatos, a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta por átonos individuais lançados num absurdo movimento browniano”. Se os movimentos estéticos do início do século XX possuíam vínculos sociais e objetivos críticos bem definidos, na literatura pós-moderna tais laços foram desfeitos e a multiplicidade de tendências que surgem em função do estilo de autores impossibilita um estudo sistematizado das características literárias de um país na pós-modernidade.

Estas afirmativas se revelam extremamente relevantes quando as associamos à obra de Pepetela. Se em suas primeiras narrativas o perfil “épico” do herói surge aliado às utopias de libertação, vemos que, ao longo do processo histórico que seu texto ficcionaliza, há uma degradação da personagem heróica que resulta em seu total apagamento. Assim, a contemporaneidade angolana é marcada pelo riso e pela descrença que, voltando às considerações iniciais desse texto, acentuam a fragmentação e o surgimento das diversas “verdades”.

O Terrorista de Berkeley, Califórnia, publicado no princípio de 2008, é uma obra bastante interessante por algumas razões. A primeira delas é o fato de este ser o primeiro romance ambientado fora de Angola e da África. Escrito por ocasião da ida do escritor à Universidade de Berkeley, em 2003, como escritor convidado, Pepetela resolveu dedicar-se a escrever algo para si mesmo e, mais uma vez, sem intenção de publicação, como afirmou em entrevistas, após haver exaurido as visitas turísticas a São Francisco e adjacências.

O texto é centrado na figura de Larry, um jovem notável nas ciências que, desiludido após um namoro fracassado e o nível questionável do intelecto de seus colegas, resolve dedicar-se à escrita de mensagens eletrônicas a um afro-americano igualmente desencantado após ser abandonado por sua família.

O sentimento de não pertencimento e de injustiça sofrido por ambos dá origem a uma série de mensagens, algumas delas com forte cunho de protesto, que os faz propor,

metaforicamente, a explosão de ícones norte-americanos como a ponte *Golden Gate* e outros pontos turísticos locais. O que ambos desconhecem, todavia, é que os acontecimentos posteriores ao dia 11 de setembro de 2001 deram início a um exaustivo trabalho de investigação – que retoma traços das narrativas policiais protagonizadas pelo risível detetive Jaime Bunda – levando grupos de inteligência a um exame minucioso de todas as mensagens eletrônicas enviadas e recebidas nos EUA que, naturalmente, lança seus responsáveis a uma busca desenfreada desses “terroristas”.

Desse modo, Pepetela traça uma caricatura dos nossos tempos e da paranóia desencadeada pelo terrorismo e pelo fundamentalismo que fazem que todos nos sintamos reféns do medo, de inimigos imaginários e imaginados que se encontram em tudo o que olha e se move. Como lhe é característico, Pepetela lança mão do humor cáustico e da ironia refinada, deixando quase fugir a idéia de que foi ele próprio que teve o impulso e o prazer de a personagem principal de se fingir, num jogo perigoso, de terrorista.

Como se pode prever, o final da narrativa é bastante caótico e violento – ou seja, uma perfeita alegoria de nossos tempos – deixando escapar o forte gosto de impotência e incapacidade diante de forças ditas “maiores”. Assim, deambulando por território americano, Pepetela faz presente a premissa de “histórias locais” para exprimir “projetos globais”, fazendo entrever não apenas a África, mas uma série de outros espaços muito mais próximos, conhecidos e ameaçadores...